



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**PASSOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO
DO SENSO CRÍTICO DOS ESTUDANTES DA EJA**

SIMONE DE SOUZA GONÇALVES

**João Pessoa - PB
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**PASSOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO
DO SENSO CRÍTICO DOS ESTUDANTES DA EJA**

SIMONE DE SOUZA GONÇALVES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes

**João Pessoa - PB
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G635p Gonçalves, Simone de Souza.

PASSOS METODOLÓGICOS PARA CONSTRUÇÃO DO SENSO CRÍTICO
DOS ESTUDANTES DA EJA / Simone de Souza Gonçalves. -
João Pessoa, 2018.

54 f.

Orientação: Edson Carvalho Guedes.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Metodologia. 3.
Senso crítico. I. Guedes, Edson Carvalho. II. Título.

UFPB/BC

SIMONE DE SOUZA GONÇALVES

**PASSOS METODOLOGICOS PARA A CONSTRUÇÃO
DO SENSO CRÍTICO DOS ESTUDANTES DA EJA**

TCC aprovado em: 31 de outubro de 2018.

Conceito: APROVADO


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes
Orientador



Prof. Luciano de Sousa Silva
Examinador



Profa. Dra. Vivia de Melo Silva
Examinador

Dedicamos a todos que acreditam na educação como transformadora da realidade, em especial aos meus filhos, por todo carinho e incentivo oferecidos durante a produção desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer, são várias as pessoas envolvidas nesse processo de graduação. Primeiramente, quero e preciso agradecer a Deus pela chance de ter realizado esse grande sonho. Ele mais do que ninguém, sabe o quanto quis e lutei para chegar à universidade. Agora, ao fim desse processo e, o início de outros tantos que pretendo galgar, sinto gratidão. Obrigada Deus!

A minha querida mãe, que mesmo de longe jamais me deixou desistir, sempre me motivando a seguir em busca dos meus sonhos. Obrigada mãe, essa conquista também é sua. E o sonho de ter uma filha formada está se realizando.

Ao meu grande incentivador, meu marido, que tanto me apoiou e ajudou. Dizendo-me a todo instante, *VOCÊ SERÁ UMA GRANDE PROFISSIONAL*, acreditando em mim o tempo todo. Lembro de quando pedia auxílio nos trabalhos e mesmo sem entender o assunto, dava um jeito de ajudar. Obrigada meu amor!

E agora, os agradecimentos vão para os amores da minha vida, meus filhos Bruna e Lucas. Que souberam entender minha ausência, que aprenderam a me dividir com as múltiplas atividades do curso, que me apoiavam nas necessidades, que me escutavam quando precisava treinar uma fala para os seminários, que me consolavam quando sentia dificuldades, enfim, meu muito obrigada por tudo, vocês são a maior razão por essa luta. Amo vocês!

Não poderia esquecer meus irmãos, Marcelo e Marcio por acreditar nas minhas capacidades e torcer por meu sucesso. Obrigada!

Agradeço ao meu orientador, Edson Carvalho Guedes que mesmo não tendo sido meu professor, decidiu embarcar comigo nesse desafio. Obrigada pela dedicação e apoio na conclusão desse trabalho, sempre muito paciente, calmo, amoroso, atencioso e gentil. Minha eterna gratidão e admiração. Muito obrigada!

Aos meus amigos de curso, Paulo, Samuel e Aline que sempre ficarão guardados em meu coração e farão parte dos meus pensamentos. Obrigada pela ajuda e amizade de sempre durante todos esses anos de graduação. Desejo que possamos continuar juntos pela longa estrada da vida. Meus sinceros agradecimentos!

A todos os outros colegas, que foram fundamentais para a minha formação e que de alguma forma fizeram parte da minha caminhada. Nos encontraremos na estrada da vida. Obrigada!

Para todos os professores, que me ajudaram no percurso desses anos, meus agradecimentos por todo esforço, dedicação, comprometimento e empatia. Obrigada por todos os ensinamentos, que contribuíram para ampliar de forma significativa minha visão de mundo, pois, sem vocês, não seria possível.

O educador como um ser histórico, político, pensante, crítico e emotivo não pode apresentar postura neutra. Deve procurar mostrar o que pensa, indicando diferentes caminhos sem conclusões acabadas e prontas, para que o educando construa assim a sua autonomia. O educador deve saber escutar, pois é somente escutando crítica e pacientemente que se é capaz de falar com as pessoas e conseqüentemente com os alunos. (Freire, 2002).

RESUMO

O processo de formação do ser humano com senso crítico tem sido uma necessidade cada vez mais premente. Como já defendia Paulo Freire, não basta saber ler as letras e palavras; é preciso saber ler o mundo com criticidade. Procuramos estudar que metodologia podemos desenvolver para que o(a) educando possa rever a própria vida e nesta revisão dar um significado novo para as experiências que faz, seja no âmbito pessoal e familiar, como no contexto mais amplo da sociedade. A construção do senso crítico dos educandos da EJA ganha cada vez mais espaço nas discussões e estudos científicos, tanto dentro das escolas que trabalham com esse tipo de modalidade, como nas universidades, nos cursos de formação de professores. Acreditamos ser de grande relevância estudar sobre uma proposta metodológica, com base na pedagogia freireana, visando à compreensão e reflexão da realidade social dos envolvidos e do processo da implementação na transformação dessa realidade no propósito de se enxergar como cidadão. A questão que orienta esta pesquisa pode ser formulada da seguinte forma: quais os principais passos metodológicos a serem desenvolvidos na EJA para que o estudante possa desenvolver o senso crítico, ressignificando o seu lugar no mundo? Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, de caráter exploratório e qualitativa. Esse trabalho de pesquisa visa expor, identificar e avaliar os procedimentos metodológicos que permeiam o tema em questão e os aspectos compreendidos no tratamento do assunto proposto. A pesquisa de campo também se faz presente nesse trabalho. O campo escolhido para desenvolver nossa investigação foi uma Escola Municipal na cidade de João Pessoa-PB. Os participantes da pesquisa são os educandos do Ciclo II da EJA, composta por 21 pessoas com variações de idade, dificuldades de aprendizado, atividades laborais, expectativas, sonhos, frustrações, entre outros. Os principais dados, com os quais trabalhamos para realizar a nossa análise, foram resultados da entrevista que fizemos com um grupo de estudantes. Os resultados encontrados demonstraram que os sujeitos envolvidos na pesquisa fazem a experiência das próprias limitações, mas que, ao mesmo tempo estão insatisfeitas com o aqui e agora. As entrevistas indicaram que os(as) jovens e adultos da EJA encontram-se em um mesmo movimento de auto superação, de transformação que, por si só, já demonstra um ambiente educativo e emancipatório. Neste sentido, cabe ao(às) educadores(as) oportunizar a expressão destas experiências de vida e as possibilidades de superação das situações limite. Para estes(as) estudantes, o processo de aprendizagem no ambiente da EJA é, antes de tudo, um movimento de ressignificar as próprias vidas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Metodologia. Senso crítico.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO	9
2. ITINERÁRIO METODOLÓGICO	12
3. A RESSIGNIFICAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA NA EJA	15
3.1. Sobre a importância da experiência de vida dos estudantes da EJA	15
3.2. Sobre a importância do conteúdo no processo de formação do estudante da EJA	17
3.3. Sobre a construção do senso crítico acerca da própria vida	19
4. A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DO SENSO CRÍTICO	22
4.1 O resgate da experiência do educando da EJA	23
4.2 O desenvolvimento do conteúdo	26
4.3 O despertar para uma nova consciência: a criticidade .	28
5. A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA EM UM CONTEÚDO ESPECÍFICO	31
6. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA APLICADA	41
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
8. REFERÊNCIAS	50
 Apêndice I	
 Apêndice II	

1 INTRODUÇÃO

O processo de formação do ser humano com senso crítico tem sido uma necessidade cada vez mais premente. Como já defendia Paulo Freire (2017), não basta saber ler as letras e palavras; é preciso saber ler o mundo com criticidade. Este trabalho busca compreender como isso pode ser possível no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Procuramos estudar que metodologia podemos desenvolver para que o (a) educando possa rever a própria vida e nesta revisão dar um significado novo para as experiências que faz, seja no âmbito pessoal e familiar, como no contexto mais amplo da sociedade.

Consideramos que este assunto tem como pilar, a história, cultura, necessidade, anseios, entre outras questões que envolvem os sujeitos da EJA, e que são de extrema importância para que se compreenda a essencialidade que esse assunto no mundo dos jovens e adultos representa.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho procura demonstrar a importância da responsabilidade que educadores(as) possuem no processo da construção do senso crítico, pois envolve relações diversas, não apenas os conteúdos previstos no planejamento, mas também na relação que se estabelece com o (a) educando (a), valorizando e problematizando as experiências de vida. Além de outros elementos que transcendem a sala de aula, como o envolvimento com grupos sociais e nas políticas públicas, com vistas a uma educação emancipatória.

Por esses motivos que a construção do senso crítico dos educandos da EJA ganha cada vez mais espaço nas discussões e estudos científicos, tanto dentro das escolas que trabalham com esse tipo de modalidade, como nas universidades, nos cursos de formação de professores.

Apreensivos com a forma como se vem trabalhando as metodologias que são utilizadas no aprendizado dos educandos da EJA, junto com o que aprendemos no curso de Pedagogia, observações durante o estágio e os relatos dos educandos, nos fizeram por escolher o tema *Os Passos Metodológicos para a Construção do Senso Crítico nos Estudantes da EJA*.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/96), é preciso que a EJA assegure “ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Em seu Art. 206, a Constituição Federal de 1988 prescreve que dever haver “igualdade de condições de acesso e permanência na escola”. E em seu Art. 3, para que se promova o “bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação”.

Acreditamos ser de grande relevância estudar sobre uma proposta metodológica, com base na pedagogia freireana, visando à compreensão e reflexão da realidade social dos envolvidos e do processo de implementação na transformação dessa realidade no propósito de se enxergar como cidadão.

Apresentar nova abordagem não significa informar. Apesar de que informações são válidas desde que não seja a única ou principal fonte no processo educativo. Mas é agregar com outras variedades existentes para que ocorra o aprendizado. É saber do educando, o que espera para o futuro? Acredita que a educação pode mudar sua realidade? De que forma pretende se posicionar na sociedade depois do contato com os conteúdos? Baseado em questões como estas, que levamos o educado a refletir, entender e mudar de comportamento.

Esta pesquisa teve como principal objetivo, *compreender os principais passos metodológicos para a construção do senso crítico dos estudantes da EJA*. Os objetivos específicos que assumimos nesta investigação foram: compreender os principais referenciais teóricos que pudessem sustentar uma reflexão acerca da metodologia na EJA, com vistas à construção do senso crítico; sistematizar uma metodologia para a organização do processo de ensino-aprendizagem na EJA e, por fim, testar os passos metodológicos num ambiente educacional de EJA com vistas a avaliar sua validade e fragilidades.

Assim como teremos oportunidade de esclarecer mais adiante, a questão que orienta esta pesquisa pode ser formulada da seguinte forma: quais os principais passos metodológicos a serem desenvolvidos na EJA para que o estudante possa desenvolver o senso crítico, ressignificando o seu lugar no mundo?

Com vistas a responder esta pergunta, organizamos este trabalho em quatro partes: após esta introdução, apresentamos o itinerário metodológico que foi

percorrido na realização deste trabalho; em seguida dedicamos dois capítulos para o referencial teórico. No primeiro deles, procuramos compreender o significado do resgate das experiências de vida no processo de ensino-aprendizagem na EJA. Junto da experiência, procuramos entender o sentido dos conteúdos propriamente, no conjunto das disciplinas e, por último compreender qual o papel do senso crítico nesse processo de formação de jovens e adultos.

A partir da literatura estudada, demos continuidade ao referencial teórico, procurando sistematizar ou organizar alguns passos metodológicos que pudesse reunir esses três pilares do processo educacional na EJA: resgate da experiência de vida, o conteúdo e a formação do senso crítico ou a ressignificação da experiência.

A terceira parte, já no capítulo cinco, apresentamos um relatório da experiência que desenvolvemos no estágio supervisionado em que se buscou aplicar estes passos metodológicos. Por fim, no sexto capítulo, apresentamos uma breve análise desta experiência da nossa formação. Esperamos que este estudo possa contribuir para a formação e prática de outros (as) educadores (as).

2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve como principal objetivo, *compreender os principais passos metodológicos para a construção do senso crítico dos estudantes da EJA*. A partir deste objetivo, consideramos que o problema central da pesquisa poderia ser formulado com a seguinte interrogação: quais os principais passos metodológicos a serem desenvolvidos na EJA para que o estudante possa desenvolver o senso crítico, resignificando o seu lugar no mundo?

Com vistas a responder esta questão e alcançar o objetivo exposto, propomos a organizar a pesquisa em três objetivos específicos que se traduziram neste texto em três capítulos. O primeiro objetivo específico foi o de compreender os principais referenciais teóricos que pudessem sustentar uma reflexão acerca da metodologia na EJA, com vistas à construção do senso crítico. O outro objetivo específico foi o de sistematizar uma metodologia para a organização do processo de ensino-aprendizagem na EJA e, por fim, testar os passos metodológicos num ambiente educacional de EJA com vistas a avaliar sua validade e fragilidades.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica e de campo, de caráter exploratório e qualitativa. Segundo, Malheiros (2010), a pesquisa bibliográfica é considerada como o ponto de partida na elaboração de um trabalho acadêmico, pois é por meio dela que se torna possível reunir informações e dados para que se construa a investigação sobre determinado tema. A mesma autora esclarece que

a pesquisa bibliográfica levanta o conhecimento disponível na área, possibilitando que o pesquisador conheça as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender ou explicar o seu problema objeto de investigação (MALHEIROS, 2010, p. ...).

Já a pesquisa exploratória é definida como essencial integrante para uma pesquisa principal, é usada para se realizar um estudo, tendo como principal foco a familiaridade do que se pretende investigar, com a finalidade de proporcionar maior compreensão, entendimento e precisão da realidade que se pretende conhecer. Segundo Gil (1987), o estudo exploratório aprimora as ideias ou descobre intuições.

No que se trata de pesquisa qualitativa não se apresenta como uma estrutura engessada, ela dar ao pesquisador a liberdade para fazer uso da criatividade e

imaginação na busca por trazer novos trabalhos que explorem novas perspectivas. Segundo Denzin e Lincoln (2006),

a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

A pesquisa apresentada está fundamentada por meio de uma avaliação crítica a respeito do objeto de estudo, por acreditarmos que os sujeitos integrantes do processo de pesquisa possuem subjetividades e estão inseridos em um contexto social, cultural político e econômico. Segundo Gil (2007, p. 17),

pesquisa é definida como o (...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Então, esse trabalho de pesquisa visa expor, identificar e avaliar os procedimentos metodológicos que permeiam o tema em questão e os aspectos compreendidos no tratamento do assunto proposto.

A pesquisa de campo também se faz presente nesse trabalho se configura em estudar um grupo de pessoas a fim de revelar a sintonia existente entre elas, pois é através dela que se pode extrair dados reais a respeito do que se pretende estudar. Para Gil (2008), o estudo de campo estuda um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes.

O campo escolhido para desenvolver nossa investigação foi uma Escola Municipal na cidade de João Pessoa-PB. A escola possui acomodações um pouco precárias em sua estrutura física para atender qualquer nível de ensino. Com a EJA não é diferente, consideramos ainda maior por ser no turno da noite, onde os problemas ficam mais evidentes. Ambientes mal iluminados, principalmente as salas de aula, ventilação insuficiente, já que em algumas salas os ventiladores estão quebrados, paredes com pintura gasta, cadeiras quebradas, quadro manchado etc. cenário bastante comum nas escolas públicas.

O interesse por esta escola foi pelo fato de haver um trabalho diferenciado com as turmas da EJA. Apesar das dificuldades físicas, os profissionais da escola

não medem esforços para que todos tenham um aprendizado de qualidade e disponibilizam recursos para o auxílio dos professores no processo de ensino-aprendizado. Além do que, percebermos que o envolvimento e comprometimento do gestor, equipe pedagógica e professores com a EJA é grande, pois se encontram na mesma sintonia para que a construção do aprendizado dos educandos aconteça.

Os participantes da pesquisa são os educandos do Ciclo II da EJA, composta por 21 pessoas com variações de idade, dificuldades de aprendizado, atividades laborais, expectativas, sonhos, frustrações, entre outros.

Ficará assegurado o anonimato dos entrevistados e de todos os participantes do processo, que será esclarecida acerca dos objetivos do estudo, de sua participação na pesquisa e do sigilo dos dados coletados.

A coleta de dados se deu por intermédio do estágio supervisionado realizado na escola mencionada. Através de observações, conversas, regências e entrevista, foi possível chegar ao resultado. O uso de diversas fontes na coleta de dados, configura-se, nesse contexto em que se espera o melhor desempenho das pessoas, como um recurso essencial (GORETSKY, 1983). Pois acreditamos que dessa forma, além de atuarmos como pesquisadores, criamos uma atmosfera propícia para o levantamento mais preciso das informações acerca da pesquisa.

As observações realizadas foram de fundamental importância para que pudéssemos ter uma melhor informação a respeito dos passos seguintes e dos degraus que deveríamos subir para que o objetivo fosse alcançado. Nos ajudando a promover novas práticas pedagógicas tão necessárias na construção do senso crítico. De acordo com Gil (1999),

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo da pesquisa. É, todavia na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente". (GIL, 1999, p. 110)

Por esse caminho, construímos nossa pesquisa. Os principais dados, com os quais trabalhamos para realizar a nossa análise, foram resultados da entrevista que fizemos com um grupo de estudantes. A partir dos dados coletados, procuramos desenvolver uma análise do conteúdo apresentado, buscando aproximar a realidade da teoria estudada. Nesta análise foi possível verificar as riquezas e cuidados que

devemos ter no processo de ensino-aprendizagem que visa uma ressignificação da experiência de vida por meio do senso crítico.

3. A RESSIGNIFICAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA NA EJA

3.1. Sobre a importância da experiência de vida dos estudantes da EJA

A educação de jovens e adultos configura-se como uma modalidade da educação apartada por lei. De acordo com a LDB 9394/96, cap. I, Sessão V, art.37, "a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida" (BRASIL, 1996). E tem como objetivo sanar uma dívida educacional que a sociedade tem com esses jovens e adultos que não concluíram seus estudos na idade adequada.

A história da educação de jovens e adultos está bastante relacionada aos estudos e contribuições do celebre Paulo Freire. Com seu método de alfabetização, que levava seu próprio nome, alfabetizou milhares de pessoas e ficou conhecido em todo o mundo. Seu trabalho consistia em alfabetizar esses jovens e adultos através de temas geradores, partindo assim para uma educação totalmente voltada para o contexto social e vivência desses educandos. Paulo Freire nos mostra uma pedagogia totalmente libertadora, exibindo que não há educação sem a prática da liberdade. E que para alfabetizar o jovem ou o adulto precisa-se estar voltado totalmente para o seu universo vocabular e partir do seu dia a dia para que a alfabetização aconteça de forma emancipadora e libertadora.

Ao tratar da educação do adulto é preciso reconhecer que este possui uma experiência de vida que deve ser valorizada pelo educador, pois possui historicidade, está inserido na sociedade, no mercado de trabalho e faz parte de uma cultura estabelecida. Portanto, é fundamental que a construção dos saberes perpassasse por todo esse contexto. Segundo Oliveira (2004)

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e

dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (OLIVEIRA, 2004, 217-218).

Portanto, essa concepção de prática da liberdade para Paulo Freire (2017, p.115) consiste que “a dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes”. Então, é por meio do diálogo que se pode compreender o universo que estão inseridos os estudantes da EJA. E assim, ter conhecimento de suas inquietações, conseguindo proporcionar uma assimilação cheia de significados.

E esse tipo de prática adotada por Paulo Freire, se distancia da educação bancária, tão bem definida por ele. Em que o professor não faz uso do diálogo, ele pensa e age a seu propósito. Para Paulo Freire (2017, p.116), o “educador-bancário”, na sua antialogicidade, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa que dissertará a seus alunos. Portanto, a ausência do diálogo está relacionada com o tradicionalismo, que engessa todo o sistema educacional, desta forma deixa de lado o crescimento mútuo entre educando e educador.

Deve-se oferecer ao estudante da EJA, um aprendizado baseado em questões sociais e reais do seu cotidiano. Com métodos que realmente façam sentido para sua vida. Que seja capaz de aguçar a curiosidade, a vontade de aprender, de provocar mudanças, de ser transformador e acima de tudo, emancipador. As informações obtidas por meio de diálogo, devem ser analisadas, pensadas pelo educador e entregues ao estudante organizada, como afirmou Paulo Freire,

para o educador-educando, diálogo, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, um conjunto de informes a ser depositado nos estudantes, mas a devolução sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2017, p. 117).

Cabe ao educador pensar em uma educação humanizada em que o estudante se torna protagonista de todo o processo e não mais o coadjuvante de sua própria história. Oferecendo ao estudante um saber rico, com troca de

experiências, que o provoque a pensar e agir diferente. “Para educador humanista ou o revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens e não estes”. (FREIRE, 2017, p.117). Vale a pena frisar que esse processo humanista também consiste em trazer uma visão de mundo geral onde a importância do todo se torne algo a ser pensado e executado coletivamente, diferente de algo que seja pontual e/ou individual. É não esquecer que o “objetivo fundamental é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada e não conquistar o povo”. (Paulo Freire, 2017, p.118).

Deste modo, fica claro a grande responsabilidade que o educador da EJA tem em proporcionar ao educando desta modalidade um ensino-aprendizagem sustentado em suas experiências vividas. O educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. (GADOTTI, 1999). E isto, influi no próprio entorno, no mundo laboral, âmbito social e familiar. O que provoca o aumento da complexidade em todos os espaços da vida.

3.2. Sobre a importância do conteúdo no processo de formação do estudante da EJA

É importante que o professor tenha a sensibilidade de interligar os conteúdos que fazem parte da matriz curricular, com os problemas e/ou dificuldades apresentadas pelos sujeitos em seu cotidiano. É desta maneira que se consegue um aprendizado importante e que realmente vale a pena, aguçando sua curiosidade sobre assuntos relacionados ao contexto que vive ou trazendo para a sala de aula questões problemas que estejam arrolados com seu dia a dia. É preciso provocá-los para a busca de soluções destes problemas.

O conteúdo de trabalho na composição do currículo educacional da educação de jovens e adultos deve estar totalmente relacionado com o contexto cultural desse educando, pois esse jovem ou adulto já traz consigo uma “bagagem” enorme de vivência social, e a educação como parte fundamental na construção de uma

sociedade mais justa não pode estar desvinculada da realidade deste educando. Assim percebemos o quanto o conteúdo é importante se este estiver relacionado com a vida deste educando e para um aprendizado significativo.

Portanto, o conteúdo a ser desenvolvido nas turmas de EJA deve partir deste princípio para que os estudantes se sintam confortáveis. Caso contrário, se tornam refém do medo e da falta de esperança, e isso reforça sua condição de oprimido. Não cabe ao educador impor conteúdos que fogem do contexto que esse estudante faz parte. É preciso lhe proporcionar uma ampliação da visão de mundo, podendo dialogar sobre ela com os demais sujeitos envolvidos no processo, inclusive da visão de mundo educador.

Tudo isso, por meio de uma linguagem clara, que possibilite o entendimento do que está se querendo dizer. Segundo Paulo Freire (2017, p.120), “muitas vezes, educadores e políticos falam e não são entendidos. Sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante”

Pode-se dizer que, o aluno da EJA não está à espera de alguém que lhe forneça a habilidade cognitiva (OLIVEIRA, 2004); ao contrário, tem possibilidade para aprender e de ampliar sua atuação em áreas de sua existência. Portanto, os sujeitos da EJA apresentam uma especificidade histórico-cultural, pois possuem um acervo de experiência de vida, o que permite a construção de uma identidade bem particular. Segundo Coelho (2012), citando Vygotsky (1991),

Longe de a cultura ser um sistema estático, ao qual o indivíduo se submete, é um ‘palco de negociações’, em que os participantes se encontram em permanente processo de recriação e ressignificação de informações, conceitos e significados, uma vez que os significados das palavras são dinâmicos e não estáticos, alterando-se de acordo com o desenvolvimento dos indivíduos e segundo as diversas formas pelas quais funciona o pensamento (COELHO; FIAMENGHI, 2012, p. 473).

A dialogicidade é primordial para a escolha do conteúdo a ser trabalhado. Todavia, sem ela torna-se difícil que o educador tenha êxito no processo de ensino e aprendizagem dos educandos da EJA. Não basta ter caderno e lousa, o educador precisa estar aberto aos novos desafios que uma nova turma lhe apresenta. É preciso estar sensível, acolhendo o mundo e experiências que estão relacionadas ao seu grupo de educandos.

É de responsabilidade do educador investigar novas metodologias que venha contribuir para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula, sempre que possível numa perspectiva crítica e transformadora. Para Paulo Freire (2017)

esta investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos “temas geradores” e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos. (Freire, 2017, p.121).

Quando o educador conhece o que o estudante tem como interesse, necessidade, objetivo etc., fica mais fácil para a busca de subsídios e material teórico-metodológico para desenvolver o conteúdo. Portanto, é por meio do diálogo respeitoso, das diversidades de opiniões que o processo de construção de uma consciência crítica acontece, mesmo diante das riquezas e contradições do mundo em que vive.

Ouvir os educandos, seus questionamentos: como, quem sou? Como sou? Que quero ser? Como quero ser? Como me ver? Como quero que me vejam? São questões norteadoras para que o educador possa fazer uma seleção e análise do conteúdo a ser trabalhado, sempre numa perspectiva de uma aprendizagem libertadora.

Assim, para Paulo Freire (2017 p.121), o que se pretende investigar, realmente, não são os homens-máquinas, como se fossem peças anatômicas de uma engrenagem social, mas o sujeito em toda sua complexidade, enquanto ser pensamento-linguagem, situado no mundo e herdeiro e construtor da história. Os temas geradores ou conteúdo a serem desenvolvidos nos processos de ensino-aprendizagem na EJA não podem estar distantes do humano, do tempo e do mundo em que ele está situado.

3.3. Sobre a construção do senso crítico acerca da própria vida

A educação como mola percussora de uma sociedade deve fomentar o pensamento crítico em qualquer indivíduo e a educação de jovens e adultos não

pode estar desvinculada dessa realidade. É extremamente importante que a escola como instituição própria da educação e do ensino desenvolva no educando o senso crítico, assim como práticas de cidadania.

Os educandos são sujeitos que fazem parte de uma sociedade, em que a formação de uma consciência crítica constitui uma questão de sobrevivência. Já que viver em uma sociedade de letrados que exclui de forma bastante contundente pessoas com pouca escolarização ou nenhuma, só evidencia a necessidade da construção dessa consciência.

Essa construção pode ser formada a partir do momento que o sujeito/educando é exposto a meios que o habilitem na aquisição do senso crítico e isso ocorre, quando o mesmo entra em contato com fatores externos que o ajudam nesse processo. O que provoca um crescimento gradual e consensual.

Vygotsky (1991) defendeu uma teoria baseada na interação do indivíduo com o meio social, no qual ele pode adentrar além de seu desenvolvimento atual, com auxílio de outros indivíduos. Desta forma, gerando conhecimento e amplidão no desenvolvimento da criticidade.

Logo, a escola como instituição formadora de sujeitos, também tem um papel fundamental na ajuda dessa construção, pois a educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida (DEWEY, 1967).

Ao se pensar em uma educação libertadora em que todos possam formar uma consciência crítica a respeito de todo seu entorno e além dele. Paulo Freire (2017, p.118) afirma que, “ao revolucionário cabe libertar e libertar-se com o povo, não conquistá-lo”.

É importante que se diga, que o educador surge como fonte de inspiração para os educandos, que ele seja alguém que faça a diferença na vida dos mesmos, baseados em princípios da moral, respeito, sensibilidade, disposição, parceria e cumplicidade. De acordo com Paulo Freire (2002), o educador deve estar aberto também a aprender e trocar experiências com os educandos, pois a vivência dos educandos merece respeito. E isto, provoca no educando o sentimento de confiança no educador, pois quando o mesmo utiliza de métodos que provoque a curiosidade, a vontade de aprender, a busca pela mudança, ele traz esperança.

Para Paulo Freire (2002) em seus métodos atuais enfatiza que a curiosidade dos educandos é um aspecto positivo para o aprendizado, pois é um fator importante para o desenvolvimento da criticidade, ou seja, para que o educando possa se posicionar diante da sociedade.

Esta teoria pedagógica proposta por P. Freire nos permite construir algumas alternativas metodológicas para a EJA. A partir do que já foi enunciado acerca da pedagogia freireana, identificamos três estágios fundamentais para desenvolver uma educação emancipatória, são eles: resgate da experiência de vida do educando; desenvolvimento do conteúdo sistematizado pelas ciências e, por fim, o retorno à própria experiência com um olhar crítico. No próximo capítulo buscaremos apresentar uma metodologia que contemple estes três estágios.

4. A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DO SENSO CRÍTICO

Como já foi dito, neste capítulo trataremos de uma construção metodológica que visa traduzir uma experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado em que participei. A metodologia adotada compreende três etapas que descrevemos a seguir.



Figura 1: Diagrama metodológico

Fonte: a autora.

4.1 O resgate da experiência do educando da EJA

O primeiro estágio metodológico no processo de formação da consciência crítica é o resgate da experiência do educando. Diz-se *resgate* porque, na maioria das vezes, a experiência que o (a) estudante traz é ignorada ou, até mesmo, reprimida. O modelo tradicional de educação ou educação bancária, na expressão freireana, tem o professor como centro do processo de formação. Neste paradigma educacional, os saberes ou as experiências do educando não são relevantes.

Entretanto, na EJA que se propõe ser emancipatória e formadora de homens e mulheres críticos, esse resgate é fundamental. Para que o educando esteja disposto a participar deste processo é necessário que encontre um ambiente educacional acolhedor e aberto ao diálogo. Não se trata apenas de troca de palavras entre falantes, nas palavras de Freire (2017),

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (FREIRE, 2017, p.42).

O ato de educar, para Freire, não estava compreendido em depositar conhecimentos para o educando, pois dessa maneira o mesmo não compreende, apenas reproduz o que lhe é dito. Este modelo de fazer educação ficou conhecido como “educação bancária”, o qual foi criticada em sua mais famosa obra, *Pedagogia do Oprimido* (2017). Neste livro o autor descreve que a ação do educador no ensino-aprendizagem deve ser um ato de amor, baseado na interação, na importância do outro, na coragem para que realmente possa se construir um aprendizado com maior significação.

Pensando em uma metodologia voltada para o diálogo, onde o educando e educador constroem uma relação de confiança, percebe-se que a aprendizagem se torna mais produtiva. Este dialogo favorece a ambos um envolvimento, e este traz o respeito, que resulta em uma base mais sólida e consequentemente, indissociável.

Deste modo, as observações feitas nos diversos estágios supervisionados que desenvolvemos neste curso, em particular, na EJA. O resgate da experiência do

educando aconteceu por ocasião do conteúdo sobre *Profissões e trabalho*, em uma escola da rede municipal de João Pessoa, PB.

Ao chegar à escola, recebemos a proposta de trabalhar com a turma do ciclo II, no turno da noite, inicialmente com 35 alunos, divididos em três níveis de alfabetização (alfabético, pré-silábico e silábico), ou seja, a sala possui alunos com níveis de aprendizagem diferentes.

Por se tratar de uma turma de estudantes trabalhadores, foi planejado o conteúdo a partir da temática “Profissões e trabalho”, por considerar a diversidade profissional que havia na turma e por permitir um rico resgate das vivências dos educandos em seu cotidiano sobre o assunto.

Começamos perguntando sobre as várias profissões e práticas profissionais que eles conheciam, podendo ser as próprias, de pessoas da família, amigos (as) ou de outras pessoas que eles conheciam. Nessa conversa, algumas pessoas começaram a expor seus saberes e experiências. Foi possível perceber que a turma era formada predominantemente por trabalhadores que atuavam como comerciário, cuidadores, domésticas, faxineiras, fiadeira, entre outras.

Instigamos a refletir sobre as profissões, dentre aquelas que foram citadas, quais eram mais desgastantes e quais eram mais prazerosas ou gratificantes. Percebemos que a maioria tinha vontade de mudar de profissão, pois não se sentiam realizados. Acreditavam que por terem a idade avançada que deveriam trabalhar em algo menos cansativo e se possível, melhor remunerado.

Depois dos relatos, perguntamos a eles qual seria seu sonho profissional, aquele que realmente os fizesse se sentir felizes. Para nossa surpresa uns disseram que a muito deixaram de sonhar e que estavam ali apenas para preencher o tempo, pois não acreditavam que algo transformador os pudesse tirar da realidade que viviam. Essas declarações nos remetem a que Paulo Freire (2000) falou sobre a utopia, que é preciso acreditar que a transformação é possível e que existem possibilidades, pois a utopia conduz nossa ação. Portanto, seria acreditar que é possível trabalhar na perspectiva de que vai dar certo, ainda que não se veja de forma clara as possibilidades.

Então para que ocorra a transformação da realidade é preciso que o sujeito entenda que ele é condicionado a estar ali por algum motivo, mas que ele não é

determinado a isso. Deste modo, consegue transformar a realidade por meio de uma reflexão crítica, porém para que isso aconteça, o educador se torna primordial nesse processo, já que tem como um dos objetivos, despertar no educando o conhecimento afim de torná-lo perseguidor de seus sonhos.

É preciso combater certos discursos que identifica o sujeito da EJA como aquele que “perdeu a idade certa” de estudar por serem preguiçosos, alienados, sem possibilidade de transformação, esta situação em que são vistos não condiz com a realidade, pois ela em sua quase totalidade se deve por uma condição social injusta. Paulo Freire (2000) defendia a necessidade de se brigar contra tais discursos onde se diz que não é possível ser diferente, não é possível melhorar, não é possível transformar. Decretam a morte dos sonhos. Então quando se tem a consciência crítica, que gera a transformação, o sonho se torna algo totalmente possível.

Após todo o diálogo onde eles expressaram todas suas angustias, frustrações e alguns seus sonhos, decidimos por pedir que nos contassem sobre como acreditavam que a educação poderia ajudá-los a enxergar o mundo com possibilidades. Se fariam uso do que aprenderam na perspectiva de alterar a realidade que viviam. Muitos disseram que já haviam notado a diferença, que já não precisavam constantemente de um mediador para ajudá-los a realizar tarefas do cotidiano como, ler placas, nomes de ruas, letreiros de ônibus, realizar contas de baixa e média complexidade, coisas que não faziam sentido antes. E que também conseguiam participar de forma mais diretas sobre questões que envolviam a comunidade que moravam, na busca pela melhoria deles e dos outros.

O perfil deste grupo de educandos confirmou a relevância do tema proposto, pois revelou uma realidade próxima de suas vidas. A partir da realidade que foi se mostrando no processo dialógico, durante todo estágio, foi possível perceber a necessidade de trazer conteúdos cada vez mais próximos da vida dos educandos, contribuindo, assim, com o seu aprendizado. Para Paulo Freire, (1986, pg.43), a relação dialógica, portanto, é fundamental para compreender as necessidades desses educandos. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

Foi através de questionamentos, sobre o que tinham de conhecimento sobre o tema que surgiu a curiosidade de pesquisar e trazer informações que respondessem suas inquietações. Alguns citavam a disparidade salarial entre profissões, que não necessitavam de tantas horas de trabalho para se obter o mesmo rendimento, por exemplo. Outros demonstravam desanimo por acreditar que recebiam pouco por ter baixa escolaridade. E tinha ainda aqueles que, acreditavam que a educação a qual estavam tendo acesso poderia facilitar na busca por condições melhores de vida. Desta forma fomos deixando que se expressassem, instigando, e assim, percebemos o quanto o diálogo se torna essencial, nos fez crer que estávamos na direção certa, pois assim como nos ensina P. Freire (2017) o processo educativo deve acontecer por meio da relação dialógica.

4.2 O desenvolvimento do conteúdo

Consideramos *conteúdo* nesta metodologia todo o processo em que o diálogo acontece, desde o resgate das experiências de vida. Todavia, convém destacar metodologicamente um momento específico em que o conteúdo sistematizado pelas ciências é desenvolvido com os educandos. É o que trataremos neste tópico.

Durante o planejamento das atividades é comum encontrar um tipo de dificuldade que se refere à escolha de um tema que contemple todos os alunos da turma, nos diferentes níveis de aprendizagem e de história de vida. Nesses casos é preciso pesquisar, aprofundar e buscar temas que permitam a transversalidade e a interdisciplinaridade, pois somente assim, acreditamos chegar mais perto do mundo em que se encontram os estudantes. Durante a experiência que realizamos no estágio, constatamos que a aprendizagem em torno da vida e da prática cotidiana dos educandos não é possível de ser delimitada ou encaixada nesta ou naquela disciplina. O conteúdo acaba sendo transversal e interdisciplinar.

Segundo Schram e Carvalho (2018, p. 14), para Paulo Freire é necessário pensar a prática educativa, o seu momento de avaliação, de aferição do saber, valorizando a experiência do educando, aquilo que traz consigo, seu vocabulário, sua prosódia, sua sintaxe, sua competência linguística, compreendendo que muitas

vezes a experiência dos meninos populares se dá preponderantemente não no domínio das palavras escritas, mas no da carência das coisas.

Por isso, é preciso trabalhar com o propósito de contribuir com o educando para a sua formação. É por essa ótica, que o educador deve pensar em realizar um trabalho de excelência, para que o aluno possa de fato sentir em seu cotidiano as mudanças promovidas por uma educação voltada para suas necessidades e aptidões. As dificuldades iniciais são possíveis de serem superadas a partir do momento que o educador planeja suas ações, mediante pesquisas e diálogos com outros educadores.

Segundo Libâneo (1991) o planejamento é um processo de sistematização e organização das ações do professor. É um instrumento da racionalização do trabalho pedagógico que articula a atividade escolar com os conteúdos do contexto social. Logo, foi por intermédio de uma sistematização de experiências e práticas cotidianas que desenvolvemos o planejamento. O conhecimento, nesta perspectiva não é resultado de uma ruptura entre a vida e a ciência, mas uma continuidade e confluências de modos de ver o mundo e as próprias experiências.

É através do planejamento e da organização que o educador, assim como a escola, precisa pensar sobre o projeto didático. O tempo e os conteúdos precisam ser trabalhados a fim de articular o que os alunos devem aprender e os propósitos sociais nele imbricados. Para Machado (1996, p. 63) o projeto é “como esboço, desenho, guia de imaginação ou semente da ação, um projeto significa sempre uma antecipação, uma referência ao futuro”. Por conseguinte, quando se fala em projetos a maioria das pessoas tem em mente que se trata de algo para fazer no futuro, mas, na verdade se trata de como planejar e tornar real uma ideia.

Então, o educador deve *resgatar* para o ambiente educacional, situações-problema que envolva os alunos, transformando estas situações-problema e conteúdo, com o enriquecimento por outros saberes, científicos inclusive. É preciso atizar a curiosidade em aprender e ir à busca de soluções para as situações pouco favoráveis que ocorrem em seu cotidiano, de forma, a contribuir para seu entendimento próprio.

Pensar educação com a perspectiva da educação de jovens e adultos implica disposição por parte do educador para se munir de conhecimentos e habilidades para lidar com um público diferenciado. Além disso, respeitar suas especificidades e necessidades tão peculiares é um desafio. Buscar uma boa convivência se torna algo fundamental nas turmas de EJA, além do que, o educador precisa ter a maestria de driblar as adversidades que surgem, sejam de ordem subjetivas, institucionais, sociais e econômicas, bem comum no que se trata desta modalidade de ensino. Para Freire fica claro que

um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar. (FREIRE, 1996, p.31).

Neste sentido, o grande desafio diz respeito à fluência de relacionar teoria e prática. Um desafio que não é exclusivo da EJA. A relação entre teoria e prática exige um novo olhar educacional em relação à realidade. Uma compreensão mais holística, de modo a perceber que as coisas da vida estão interligadas e que o conhecimento científico não é um saber alheio ao cotidiano das pessoas.

Para Souza (2001, p. 5-12), a teoria e prática constituem um todo único, produzido na dinâmica da evolução em um contexto e em um tempo. Não há prevalência de uma sobre a outra, há interdependência. Não há determinação de uma em relação à outra, há reciprocidade. Não há reticências de uma para outra, há dinamicidade. Assim, devemos pensar que são interligadas e que uma precisa da outra para tornar significativo o processo de ensino aprendizagem. É buscar no arcabouço individual ou coletivo as inúmeras possibilidades de se criar situações em que teoria e prática possam oferecer ao sujeito melhor apreensão dos saberes, a fim de engrandecer seu universo.

4.3 O despertar para uma nova consciência: a criticidade

A criticidade acontece no educando por meio de questões diversas, entre elas, a mais relevante talvez, por meio da relação educando e educador, pois é partindo dela que se tem a constatação que essa consciência pode ser

desenvolvida. Todavia, cabe lembrar que é indispensável que esteja baseada nos princípios da moralidade, dialogicidade, respeito, cumplicidade, comprometimento social do educador e sobretudo, de humanização. Logo, deixar no passado a relação distante e sem significado em que o educador era visto como autoridade suprema e, portanto, superior aos demais, é necessária para que a ação transformadora dê seus primeiros passos. Por conseguinte, a superação de métodos falhos, na construção de novos saberes condizentes com a realidade do educando, se torna fundamental para que o desenvolvimento humano crítico realmente aconteça, como “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (FREIRE *apud* STRECK, 2008, p. 125).

É importante que se faça uma reflexão do passado para que as práticas nele utilizadas sejam esquecidas e/ou remodeladas. Mas, de forma a não permitir que o educando seja um coadjuvante do processo de aprendizagem, e sim, o protagonista. A educação bancária está fundamentada em um currículo tradicional e ultrapassado. Nesse caso, o educando é visto como alguém sem história, sem experiência, sem capacidade cognitiva, passivos ao receber o conteúdo. A educação bancária, assim, afirma somente a condição de oprimido em que se encontra o educando, alguém que não pensa, não opina e, portanto, sem voz. Tal processo educacional desconsidera o valor da formação para a autonomia e evidencia o caráter desumanizante a que está submetido o educando.

Paulo Freire critica uma educação em que não possibilita ao sujeito a transformação. Para que haja transformação, de fato, é preciso que a educação seja uma ação livre, criadora e determinadora das condições de existência, capaz de desenvolver a consciência e de apreender criticamente a realidade (MENEZES; SANTIAGO, 2014, p. 49).

Neste sentido, quando não há liberdade, a educação não possibilita ao sujeito a sua constituição de uma consciência crítica. Sem criticidade os educandos são condicionados a memorizar e não a pensar, são submetidos a um processo mecânico sem que façam uso da sua autonomia. Sem liberdade, a educação nega a dicotomia homens-mundo. Estes passam a ser “simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo” (FREIRE, 2017, p. 62).

Infelizmente, ainda é comum encontrarmos experiências educacionais que impedem o desenvolvimento da autonomia e da criticidade, não apenas na educação de jovens e adultos, mas, em qualquer outra modalidade de ensino. Freire (2002) nos diz que a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante.

A proposta para a EJA na perspectiva freireana é justamente promover a autonomia, de modo a possibilitar uma leitura crítica do mundo em que vive, que dê condições para que o educando se reposicione diante das situações limite que ele enfrenta. Um projeto educacional que se afaste desta perspectiva não promove a liberdade e não gera interesse por parte dos educandos. Estes quando se dirigem para a EJA, buscam condições de superar desafios que encontram no seu cotidiano. Acreditam que a educação pode ser um caminho para esta superação.

A EJA não pode deixar de levar estas questões em consideração. Precisa realizar um trabalho de aprendizagem que realmente seja significativo e transformador da vida dos estudantes, de pessoas que estão presentes no mundo do trabalho, com histórias próprias e culturas diversificadas. Sujeitos, enfim, ativos e transformadores da sociedade.

É dentro de um pensar e agir transformador que Paulo Freire ultrapassa as barreiras de uma educação bancária na perspectiva de se construir uma educação baseada como prática da liberdade (FREIRE, 2010). Uma educação dialógica, democrática e humanizada, capaz de formar o sujeito para o pensar crítico e para uma ação consciente, transformadora da realidade.

De acordo com Freire (2000),

é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (FREIRE, 2000, p. 39).

É fundamental que se estabeleça um sistema educacional com vista a entender os problemas e superar as dificuldades que permeiam a escola. Pois dessa forma se torna possível que se construa uma educação voltada para as necessidades dos sujeitos pertencentes ao processo, os habilitando a serem capazes de refletir e agir em prol de uma emancipação em sua totalidade.

5. A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA EM UM CONTEÚDO ESPECÍFICO

Nesta pesquisa, estabelecemos como objetivo principal *compreender os principais passos metodológicos para a construção do senso crítico dos estudantes da EJA*. Nos capítulos anteriores procuramos demonstrar uma teoria e uma metodologia que pudessem fundamentar e orientar tais passos metodológicos, isto é, o resgate da experiência, a construção do conteúdo e a experiência revisitada com um olhar crítico.

Neste capítulo, apresentamos uma experiência desenvolvida na EJA em que se buscou percorrer os passos metodológicos considerados nesta investigação. Esta experiência foi vivenciada em um dos estágios supervisionados do nosso curso de Pedagogia. Nesta ocasião, tivemos um período de observação e a oportunidade de conhecer alguns dos estudantes do EJA daquela escola. Durante este período de observação, pudemos perceber a prática docente, sua metodologia e as dificuldades que os alunos apresentavam em determinados conteúdos e métodos de ensino. Em outro momento, desenvolvemos o período do estágio de regência, quando a nossa aproximação com os estudantes aumentou ainda mais.

Esta pesquisa é resultado da reflexão sobre esta prática desenvolvida durante o estágio. Apresentaremos parte desse trabalho, identificando os sujeitos que participaram do processo, o conteúdo trabalhado e a metodologia realizada.

Os sujeitos envolvidos nessa experiência representam uma camada da sociedade que voltaram a escola por objetivos diversos e sonhos heterogêneos. A sua maioria se encontra inserida no mercado de trabalho e exercem profissões variadas. Ao serem questionados a respeito da importância de suas profissões e o que elas representavam para a economia do país, muitos disseram ter entendimento de que sua profissão poderia ajudar na economia, outros nem tanto e uma minoria, acredita que trabalha apenas para sustentar a si e família. Na maioria dos relatos pudemos perceber a insatisfação pela função exercida, e a vontade de mudar de atividade para que pudessem ter melhor qualidade de vida. Perguntamos ainda se acreditavam que a educação poderia proporcionar a mudança que buscavam, a grande maioria disse que sim.

A escolha do tema levou em consideração a realidade dos educandos, a grande maioria trabalhadora. O primeiro passo foi oportunizar os estudantes para

contar suas histórias de vida. Nesse relato que diferenciava de pessoa para pessoa, muitos foram contando as experiências que tiveram na vida, envolvendo família, sonhos, projetos e, em especial, as vivências no contexto profissional. Alguns dos relatos foram coletados em conversas fora da sala de aula, na interação com os estudantes antes do início das aulas ou durante o intervalo. A partir dos relatos apresentados, identificamos que a prática laborativa constituía uma dimensão importante nas histórias destes educandos. O tema, portanto, com o qual nos envolvemos nesse processo de ensino-aprendizagem foi *profissões*. E, dando continuidade ao primeiro momento metodológico (de resgate das experiências), buscamos provocar a turma para que relatasse mais experiências no mundo do trabalho e situações limites ou desafios que enfrentavam no exercício de sua profissão.

Apresentamos, a seguir, relatos de 4 educandos de uma turma de 21. A escolha do relato destas quatro pessoas teve três justificativas. A primeira é que se referia a pessoas mais desinibidas, sem vergonha para falar da própria experiência. A segunda razão foi por se tratar de experiências distintas, ou seja, pessoas com atividades profissionais diferentes. E o terceiro motivo da nossa escolha foi por acreditar que estes sujeitos carregam histórias complexas, com sonhos, frustrações e uma visão em relação à educação muito positiva, pois consideravam que as transformações que esperavam realizar nas próprias vidas só seriam possíveis por meio de processos educacionais.

Para iniciar a sequência das narrativas, decidimos começar pela educanda mais velha. E seguiremos esta ordem, apresentando os relatos dos sujeitos mais idosos para os com menor idade. A primeira pessoa é Dona Francisca¹, 70 anos, casada, mãe de 4 filhos e avó de 6 netos. Durante muito tempo trabalhou na roça, morava no sertão junto com os pais e irmãos. Começou a trabalhar cedo para ter o que comer e também ajudar os pais na comercialização do que produziam. Por conta disso não se alfabetizou, cresceu “fora do mundo”, como ela disse.

Quando casou foi morar em Campina Grande e percebeu que havia a necessidade urgente de saber ler e escrever, pois o trabalho que lhe ofereceram era de fiadeira, e este exigia que se soubesse ler, escrever e contar. Foi quando entrou na escola para aprender o básico, apenas. Trabalhava de dia e estudava a noite,

¹ Os nomes citados nos relatos são fictícios.

adorou o que o mundo das letras proporcionava, as descobertas e a não necessidade de ter sempre alguém junto para mediar. Mas, com a chegada dos filhos precisou largar os estudos, mas continuou a trabalhar fora, pois, a renda do marido não era suficiente para sustentá-los.

Trabalhou como fiadeira por muito tempo, sua função era contar os fios, separar por cores, marcas e textura, anotando todas as informações, coisa bastante difícil para alguém com pouca escolaridade. Mesmo não tendo concluído os estudos, relatou que tentava suprir essa falta trabalhando duro, algumas vezes mais que os outros e observando os que os colegas faziam para fazer igual, precisava daquele emprego, não podia desistir.

Dona Francisca hoje está aposentada, cursa o Ciclo II da EJA e tem como objetivo concluir os estudos para ajudar os netos com as lições de casa e outras pessoas que assim como ela viveram por muito tempo “fora do mundo”.

O segundo relato é de seu João, 65 anos, casado, pai de 3 filhos e 2 netos, também viveu toda sua infância e juventude no sertão, trabalhou na colheita de cana de açúcar. O trabalho árduo não possibilitou que estudasse, precisava de todo tempo disponível para ajudar a família, pois era a única fonte de renda.

Depois de adulto decidiu sair do sertão em busca de algo melhor, mudou-se para Recife onde aprendeu o ofício de mecânico de automóvel. No início, as coisas não faziam sentido, pois a falta de escolaridade não permitia que entendesse as letras e números, o que fazia uma confusão na cabeça, precisava aprender para continuar no emprego, pelo menos o básico. Procurou uma professora particular a noite que lhe ensinou o suficiente para que permanecesse trabalhando. Mas seu João queria mais, não estava satisfeito com o básico, sentia necessidade de avançar. Os colegas de trabalho subiam de cargo e ele permanecia no mesmo lugar, deixando bastante chateado.

Decidiu por avançar nos estudos com a professora que contratou, na perspectiva de subir de cargo e assim, melhorar de vida, mas a morte repentina de seu pai, mudou seus planos. Sua mãe com idade avançada não tinha mais condições de trabalhar, portanto, seu João precisava ajudar financeiramente e isso consistia em ter outra renda, portanto conseguiu um trabalho de vigilante em uma fábrica, o que impossibilitou a continuidade nos estudos.

Com o passar do tempo, casou-se e teve filhos, o que só agravou a necessidade de continuar com os dois empregos, deixando-o cada vez mais distante

do sonho de aprender a ler e a escrever. Mesmo com muitos anos de serviço seu João não conseguia subir de cargo, pois seu conhecimento das letras tornava esse sonho impossível.

Hoje seu João ainda trabalha como mecânico, mas, com uma grande diferença, ele está na escola, já conseguiu subir de cargo, pois já tem entendimento das letras e dos números. Não precisa trabalhar mais a noite, seus filhos já estão crescidos o que possibilita que estude. Tem como sonho quando terminar os estudos, em ser pastor para poder levar “A palavra do Senhor” para todo mundo.

O terceiro relato é o de Dona Marta, tem 54 anos, solteira e não tem filhos. Trabalha como cuidadora de idosos a 5 anos, gosta do que faz, mas não pensa em passar o resto da vida nessa profissão. Pensa em terminar os estudos e ser enfermeira, cursar uma universidade.

Dona Marta relatou que ser cuidadora exige várias habilidades, entre elas paciência e amor ao próximo, é se doar sem pedir nada em troca. Diz ser bem remunerada, bem tratada, mas que sonha mais alto, sonha com algo que transforme sua vida.

Precisou interromper os estudos para trabalhar, vendia frutas e verduras na feira junto com os pais. Por ser filha mais velha, era a única que trabalhava. Conheceu o mundo do trabalho muito cedo, sabia a importância, pois acreditava que era através dele que teria a única chance de sobreviver.

Sentia-se responsável por colocar comida na mesa das pessoas, e que as mesmas tivessem qualidade. Recebeu diversos elogios por sua eficiência no atendimento e passar troco. Porém, sentia que faltava alguma coisa, uma lacuna a ser preenchida, sabia que precisava frequentar a escola, queria ter conhecimento. E foi a primeira coisa que fez assim que teve condições de encontrar um trabalho que lhe permitisse correr atrás de seus sonhos.

Dona Marta hoje frequenta as aulas do Ciclo II da EJA, já consegue perceber o quanto o contato com os saberes lhe proporcionou melhorias em seu campo de trabalho. Na atualidade, tem como segunda fonte de renda, treinar futuras cuidadoras, o que faz com habilidade. Entretanto, seu grande objetivo quando acabar os estudos é cursar a faculdade de enfermagem, pois acredita que só assim, a transformação que tanto busca na vida acontecerá.

O quarto relato é o de seu Geraldo, 45 anos, casado e pai de 2 filhos. Quando criança ainda frequentou a escola, na cidade onde nasceu, Itabaiana. Mas depois de

3 anos abandonou, não tinha interesse, achava chato. Aos 18 anos perdeu os pais, então veio morar em João Pessoa com uma tia que vivia em precárias condições financeiras.

Diante desta realidade, precisou trabalhar cedo, teve inúmeros empregos, trabalhou de ajudante de pedreiro, servente, engraxate, mas considera que foi mais bem remunerado como ajudante de pedreiro, ganhava por hora trabalhada e as vezes, por hora extra, o que lhe garantia uma condição financeira mais confortável.

Como o trabalho era bastante cansativo, decidiu por algo que chamou de “menos pesado”. Foi quando saiu a procura de outro tipo de atividade, onde percebeu que com a pouca escolaridade não sobrava muitas opções. Todavia, estava determinado a conseguir uma atividade que não fosse braçal, que pagasse melhor e que não precisasse de tanto esforço físico. Porém, sempre se deparava com a mesma situação, falta de escolaridade. Com os recursos financeiros chegando ao fim, se viu obrigado a voltar ao trabalho que não queria, isto é, na construção civil, como ajudante de pedreiro.

Seu Geraldo ainda trabalha como ajudante de pedreiro, não perdeu o sonho de conseguir um trabalho que não exija tanto esforço físico e, que possa ter uma melhor remuneração e, acima de tudo, o deixasse realizado. Então, foi com este pensamento que voltou a escola, com o objetivo de terminar os estudos e, fazer faculdade para arquitetura.

Diante dessa diversidade de experiências, o tema “profissões” foi considerado um tema relevante. O conteúdo no processo pedagógico corresponde ao conceito e informações que permitam gerar novos significados e recriar as experiências vivenciadas.

Dentro da metodologia que estamos adotando, fica clara a riqueza e importância do resgate de vida e de experiências dos educandos. O segundo momento metodológico consiste no desenvolvimento do *conteúdo* propriamente. Neste caso o conteúdo deveria estar relacionado ao tema *profissões*, por se tratar de algo tão presente e relevante nos relatos apresentados. Não que as experiências de vida não constituam conteúdos de aprendizagem, mas denominamos por este nome a parte do processo ensino-aprendizagem que se constrói, de forma interativa e dialógica, a *sistematização do conteúdo*.

O tema teve início com os seguintes questionamentos: o que significa trabalho? Por que se comemora o dia do trabalho? O que é salário? E salário-

mínimo? O salário-mínimo é igual para todos no país? Sempre foi assim? O que é dinheiro e moeda? A partir de perguntas como estas foram se desenvolvendo o diálogo e o conteúdo propriamente.

Questões como estas foram aguçando a nossa curiosidade. Queríamos entender qual o significado do trabalho na vida dos educandos. Mesmo sabendo que se tratava de pessoas inseridas no mercado do trabalho desde muito cedo, sentíamos a necessidade de entender a visão, expectativas e conhecimento que tinham a respeito. De que forma acreditavam que a profissão exercida e/ou sonhada poderia transformar suas vidas. Foi por intermédio do diálogo e observações em sala que podemos pensar em desenvolver as regências voltadas para as profissões e, conseqüentemente, o mundo do trabalho. Acreditamos que os dois temas estão interligados e fazem parte do cotidiano dos educandos.

Durante o planejamento das atividades tivemos dificuldade em pensar algo que contemplasse todos os alunos nos diferentes níveis de aprendizagem que a sala possui. Houve a necessidade de pesquisar, de nos aprofundarmos na busca por autores que nos nortegassem a respeito do que fazer para planejar atividades que contribuíssem para o aprendizado da turma, pois em nossas observações no estágio, constatamos que a prática em se fazer atividades distintas para os níveis é bastante comum e cotidiana.

Pudemos perceber que as dificuldades iniciais foram superadas a partir do momento que planejamos nossas ações, mediante pesquisas na internet, livro didático e orientações dadas pela professora orientadora do estágio. A partir da pesquisa e orientações, o planejamento foi feito, tornando possível a elaboração de um projeto didático que contemplasse o atendimento dos níveis aprendizagem diferenciados que a turma apresentava.

Segundo Libâneo (1991), o planejamento é um processo de sistematização e organização das ações do professor. É um instrumento da racionalização do trabalho pedagógico que articula a atividade escolar com os conteúdos do contexto social. Logo, foi por intermédio de uma sistematização que desenvolvemos as atividades, de tal forma que todos pudessem adquirir o conhecimento sem distinção, apenas, levando em consideração uma maior atenção com aqueles que necessitavam de uma ajuda mais próxima por conta de alguma dificuldade que apresentavam.

De acordo com todo processo descrito, realizamos a nossa primeira regência, iniciando com a apresentação da proposta de aula: uma primeira conversa acerca das experiências de vida, conversa esta já iniciada no período de estágio de observação. Em seguida, explicamos a temática que trabalharíamos como tema ou conteúdo a ser desenvolvido que seria “profissões”. Foi possível constatar que o assunto despertara grande interesse por parte dos educandos.

Decidimos começar apresentando o contexto histórico do “Dia do Trabalho”, questionando o que entendiam, instigando, os deixando falar, pois um dos princípios importantes para a EJA é o diálogo, oportunizando aos educandos expressar o já vivenciaram e que acerca do assunto. Cada aluno respondia à sua maneira, mostrando interesse em entender/compreender e aprender sobre o assunto em questão. Se mostravam surpresos com as informações por nós passadas, em alguns momentos demonstravam certa revolta por tal situação ter acontecido, como ocorreu quando descobriram que o salário mínimo no Brasil nem sempre foi unificado e que o valor do salário mínimo do Sudeste era maior do que era pago no Nordeste.

Durante todo processo em que estivemos apresentando o contexto histórico, fazíamos uso do quadro como reforço para exibirmos números, nomes, etc., fazendo uso da interdisciplinaridade entre português, história e matemática.

Após o desenvolvimento do assunto abordado, em especial um pouco da história dos direitos trabalhistas, alguns alunos decidiram levantar questionamentos a respeito do assunto, o que gerou discussão na busca por entender porque se precisou tanta luta e morte para que os trabalhadores tivessem seus direitos assegurados. Perguntavam porque o trabalhador precisava passar por situações assim para serem reconhecidos.

Após o termino das discussões, distribuímos uma única atividade (Apêndice I), de língua portuguesa, que pudesse contemplar a diversidade de toda a turma. Explicamos cada questão, depois ficamos a disposição para tirarmos as dúvidas e ajudar no que fosse necessário, como havia níveis diferentes, necessitamos dar maior atenção para aqueles com dificuldade em realizar o exercício. Após o término da atividade, fizemos a correção das questões no quadro, interagindo com eles, trabalhando o coletivo (pelo que pudemos observar, prática pouco comum nas turmas de EJA daquela escola).

Optamos pela correção no quadro para que tivéssemos maior clareza a respeito do desempenho de cada aluno, assim como, os deixar cientes de seus erros e acertos. Durante a correção contamos com a participação de todos com o intuito de enfatizar que o trabalho coletivo é possível e torna o aprendizado mais interessante, onde fica claro que todos precisamos uns dos outros na construção dos saberes. Colocamo-nos como um exemplo disso, estávamos ali, interagindo com a turma e, nessa interação, ensinávamos e aprendíamos, havendo uma troca que tornava maior o crescimento pessoal e coletivo.

Utilizamos uma linguagem simples por todo processo, sempre na busca pelo diálogo para que todos participassem da correção. Alguns se sentiam felizes pelos acertos, outros, tristes pelos erros, mas todos dispostos a participar. Notamos que alguns alunos tinham grande dificuldade em acompanhar a correção, deixando aborrecidos aqueles que conseguiam. Na hora que percebemos tal situação nos posicionamos a favor dos que tinham dificuldade, mostrando a eles, que cada pessoa tem seu tempo certo de aprender e, que devemos respeitar o ritmo de cada um. Concluimos a correção, agradecendo pela participação e dando por encerrado a primeira regência.

No segundo dia de regência, conversamos com os alunos resgatando a aula anterior, questionando se lembravam do que falamos da atividade, do que ficou de aprendizado. Cada um trouxe o que lembrava e aprendeu, se mostravam bem empolgados com mais um dia de aprendizado, e isso nos motivou ainda mais.

Logo após esse primeiro momento, começamos a questioná-los sobre o entendimento que tinham a respeito da história do “Salário Mínimo”, notamos que a grande maioria não fazia ideia, então trouxemos o contexto histórico que despertou interesse de todos. Após esse momento, representamos no quadro o valor do primeiro salário mínimo, suas mudanças no decorrer da história e a diferença entre o salário do Nordeste e do Rio de Janeiro (o que causou revolta), alguns alunos diziam “o Nordeste sempre foi desvalorizado”, o que provocou uma indignação geral e comentários a respeito do quando o nordestino era um “povo sofrido”. Após essa discussão, começamos a calcular as diferenças que havia entre algumas regiões do país.

Fizemos uso de um quadro e, por meio de cálculo de adição e subtração, mostramos essas diferenças. Durante o processo de explicação, utilizávamos o quadro como recurso didático para enriquecer a aula e ajudar na compreensão.

Em seguida trouxemos o contexto histórico do “Nome das Moedas” brasileiras, perguntamos se lembravam de algum, os alunos mais velhos diziam, outros arriscavam os nomes mais recentes da moeda e outros permaneciam calados, mas todos interagiam de certa forma. A maioria participava do processo, de forma empolgada, lembrando-se de fatos do passado e do presente, com o propósito de contribuir. Dando seguimento ao trabalho, explicamos que a atividade seria de matemática, o que causou certo desconforto porque assim como uma boa parte dos alunos de qualquer nível possuem resistências à matemática, com alunos da EJA não se mostrou diferente.

Tranquilizamos a turma, reforçando a importância da matemática para o dia a dia, demos como o exemplo receitas de bolo, hora, números de casas, e até citamos o fato de alguns alunos trabalharem no comércio que faziam uso dos números diariamente o que gerou uma discussão positiva, pois eles traziam exemplo de números que usavam no cotidiano. Acrescentamos que o conhecimento numérico era de grande valia e que não deveriam temer diante das dificuldades, e que poderiam lutar pela superação. Nessa perspectiva, distribuimos a atividade (Apêndice II), explicamos cada uma das questões, de forma detalhada e ficamos a disposição para qualquer necessidade, dando foco maior aqueles que tinham dificuldade em realizar a atividade.

Com o término das atividades, fomos até ao quadro para a correção, o que fizemos de forma bem tranquila para que pudessem ter o entendimento dos erros e acertos. Percebemos que mesmo com suas dificuldades os alunos se mostraram à vontade com os resultados obtidos, deixando evidente que tiveram um aprendizado satisfatório, o que proporcionou um saldo positivo no processo. Após a conclusão da correção, agradecemos a todos e nos despedimos dando por encerrada as atividades de regência em nosso estágio.

6 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA APLICADA

A aprendizagem traz mudança na vida do aluno, pois é através dela que os alunos têm a possibilidade de adquirir o conhecimento necessário para ter entendimento de tudo que está ao seu redor, em busca de ter a compreensão e entendimento dos conteúdos propostos em sala de aula. Após a conclusão da correção, agradecemos a todos e nos despedimos dando por encerrada a segunda regência.

O que um processo de ensino-aprendizagem como este pode provocar na vida dos educandos? Será que é possível garantir uma revisão ou ressignificação das próprias experiências e vivências a partir de uma metodologia dialógica e crítica? Esta é a hipótese com a qual temos trabalhado nesta pesquisa. Que após o resgate das experiências de vida e de uma reflexão crítica e sistemática do tema gerador (que levou em conta os relatos de vida dos estudantes), seria possível que os educandos resinificassem algumas experiências de vida. Acreditamos que, a partir do conteúdo desenvolvido (profissões), eles poderiam construir novos significados, mais críticos e fundamentados, acerca das próprias experiências relativas ao mundo do trabalho.

Para buscar respostas a estas perguntas, voltamos à escola, em setembro de 2018. O estágio foi realizado em maio deste mesmo ano. Desta vez, voltamos para conversar com os educandos, alguns(mas) que participaram do processo de ensino-aprendizagem que desenvolvemos durante o estágio e ver se, de fato, o processo de ensino-aprendizagem que foi desenvolvido provocou tais ressignificações. Para esta conversa (entrevista) nos servimos de três questões:

- Você nota que alguma coisa mudou em sua vida, internamente ou no seu dia-a-dia, depois que você voltou a estudar? Se sim, que mudanças foram essas?
- Você se lembra das aulas que eu trabalhei com você, durante o meu estágio? Lembra de alguma conversa que tivemos ou do assunto que desenvolvemos em sala de aula? (Se SIM, passar para a terceira pergunta. Se NÃO, passar para a quarta.
- Terceira: Você acha que aquela aula fez alguma diferença para você? Em outras palavras, conversar e aprender sobre as “profissões” lhe ajudou em alguma coisa? Se sim, em que sentido?

- Quarta (caso fosse necessário): Você lembra de algum assunto que tenha estudado e que tenha feito diferença na sua vida? Se sim fale um pouco desse (s) assuntos, explique-me que diferença foi essa.

Foi possível entrevistar três estudantes que participaram das aulas em que desenvolvemos a metodologia partir das respostas que estamos tratando nesta pesquisa. Lembramos que o objetivo da entrevista foi o de identificar alguns sinais que indicassem a resignificação das experiências de vida desencadeadas pelo processo de ensino-aprendizagem desenvolvido.

A partir da pergunta sobre a mudança de vida proporcionada pela educação, todas as respondentes disseram que sim. A primeira foi uma senhora que trabalha no cuidado de idosos. Ela comentou sobre a mudança em sua vida com relação a coisas simples do seu cotidiano, como conseguir ler o nome dos ônibus, a palavra da bíblia, as receitas dos remédios.... Além disso, aquela aula sobre as profissões fez alimentar o sonho de cursar enfermagem e tirar sua carteira de motorista.

Nota-se claramente que o tema desenvolvido desencadeou um novo olhar sobre a própria vida, o horizonte profissional e em relação às próprias potencialidades se alargaram. Para Freire “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (1992, p. 91). Freitas reforça esta perspectiva freireana quando afirma que

[...] o sonho, a esperança, o entusiasmo, a imaginação e a alegria dialetizam-se na historicidade que constrói sua impossibilidade de ser. [...] é na luta, que se faz também de indignação, de inconformismo, de raiva e de radicalidade, que se constrói uma perspectiva de futuro capaz de manter viva a esperança, indispensável à alegria de ser e de viver. [...] torna-se fundamental exercer-se como sujeito, assumindo posição e tomando partido na luta de interesses que constrói a história como possibilidade (FREITAS, 2001, p.127).

A segunda respondente nos trouxe uma fala muito significativa. Ela começou a estudar contra a vontade de pessoas da família, disse a aluna, “foi contra a vontade do meu esposo, mas eu tomei a frente e disse, EU VOU!” (Respondente 2). A expressão da aluna ao responder sobre a importância da educação escolar na sua vida demonstra, com clareza, o processo emancipatório em que ela se envolveu. E acrescentou, “agora já saio, vejo o nome das ruas, as mensagens que chegam no celular. *Eu sabia que fazia parte desse mundo, mas ao mesmo tempo me sentia fora dele*” (grifo nosso).

Segundo Kosik (2002) o processo de transformação social, na perspectiva freireana, não acontece dissociada da emancipação subjetiva. A transformação social está envolvida no drama individual de cada um no mundo. Segundo este mesmo autor, “na modificação existencial o indivíduo se liberta de uma existência que não lhe pertence e se decide por uma existência autêntica” (KOSIK, 2002, p. 90).

Assim como a primeira respondente, a educação provoca uma abertura de horizontes.

Respondente 2:

Lembro quando falou a respeito das profissões, a importância de cada uma, e isso me despertou a vontade de ser estilista ou fazer uma faculdade de moda, porque eu gosto muito de costura. Seria meu sonho trabalhar com moda, acredito que a educação pode me ajudar a conseguir realizar esse sonho, meu objetivo é esse, já estou no caminho certo, não posso desistir.

Mais uma vez, verifica-se a eficácia da metodologia freireana. A educação possibilita um ressignificar da própria vida, abrindo novas possibilidades de existir no mundo, uma existência autêntica. Este mesmo movimento foi possível constatar na fala da Respondente 3.

Mudou tudo, mudou porque eu cheguei a terminar os estudos, me formei e tudo aqui na escola, só que eu pedia fila, porque eu não sabia e queria tirar nota boa, então eu filava. Passei de ano, mas, me prejudiquei, porque eu não sabia, não aprendi nada. Saindo daqui fui para outra escola que era muito adiantada e não consegui ficar lá, então eu decidi vim aqui, falei com o diretor para deixar eu voltar, ele deixou, e agora estou aqui. Mas meu marido foi contra, não deixava eu estudar, vivo com ele a 45 anos e toda vida ele nunca deixou eu estudar e trabalhar. Sempre implica quando venho para escola, ele diz que “burro velho não aprende”. Muitas vezes penso em desistir, mas sempre acontece algo que me impede. Uma vez fui ao espaço cultural e participei de uma brincadeira de estourar bola e dentro dela tinha um papel com um dizer, “Não desista, mostre que você sabe”. Hoje já aprendi muita coisa, a ler placa de ônibus, as ruas, meu remédio de pressão, entre outras coisas. Eu sinto que depois que entrei na escola que minha vida mudou, antes eu não sabia de nada, não tinha a ajuda do meu marido, ele nunca me ajudou em nada, então na escola eu estou aprendendo muita coisa. Eu quero aprender para poder falar com as pessoas, não falar coisa errada, porque antes eu ficava junto das pessoas que sabiam falar, mas depois que casei, ele não

quer que eu tenha contato com ninguém. Então, se a gente não vê as pessoas falando, a gente fala errado. Agora na escola, eu já aprendi a falar, aí meu marido diz, “olha como ela já sabe falar”, e eu devo isso a escola.

Este movimento de auto superação, de teimosia diante da própria existência e das condições históricas em que se encontra demonstra um processo de ressignificação da própria vida. Para Freire (2002)

é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. Não sou esperanço, disse certa vez, por sua teimosia, mas por exigência ontológica (FREIRE, 2002, p. 34).

O (a) educador (a) não pode ignorar essa condição de inacabamento do humano. É a partir dela que a educação se desenrola. É preciso que valorizemos as expressões dos educandos em que essa experiência de inconclusão do próprio ser se mostra. Pois é a partir desta consciência, como no ensino Paulo Freire, que a teimosia, a esperança e o processo de auto superação pode acontecer.

A mesma senhora (Respondente 3), complementa:

Lembro que você falou que as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens, hoje elas podem ser professoras, médicas, advogadas, tudo que quiser ser, também tem a presidenta. Hoje, não é só o homem que pode ganhar bem, a mulher também pode, mas infelizmente a mulher ainda ganha menos que o homem, porém, já existe muitas que ganham igual ou mais que o homem. Pude perceber que essas histórias de luta não deixam a gente desistir, sonho em cursar contabilidade, gosto de mexer com números, acho bonito, fazer contas, vai subindo e vai descendo, acho tão bonito. Tenho maior vontade de estudar e terminar meus estudos e fazer contabilidade. Porque acredito que a gente só cresce estudando, pois o que cresce a gente é o estudo.

A educação no ambiente escolar é um encontro de pessoas que fazem a experiência das próprias limitações, mas que, ao mesmo tempo estão insatisfeitas com o aqui e agora. O encontro de pessoas com este mesmo movimento de auto superação, de transformação já é constitui, por si, um ambiente educativo e

emancipatória. Cabe aos (às) educadores (as) oportunizar a expressão destas experiências de vida e estes sonhos. O horizonte em que cada um (a) poderá chegar não é o mais importante. O que importa é desencadear um movimento de saída de si, de disposição para sair da condição em que se encontra e se mobilizar para *ser mais*, ir além do que está posto no presente.

Educar no ambiente da EJA é, antes de tudo, um processo resignificar vidas, isto é, de pôr em movimento pessoas que carregam a indignação em relação à própria vida e, ao mesmo tempo, sonham, buscam caminhos de superação e de produção de novos sentidos para si e para os outros.

Neste sentido, o conteúdo propriamente se torna mero pretexto. O tema ou o assunto a ser trabalhado em sala de aula deve estar situado neste grande movimento pedagogia de formação do humano, no processo de auto superação da própria história.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostra a grande necessidade de se discutir uma elaboração metodológica nos processos de planejamento e execução das aulas para as turmas da EJA que fomentem a consciência crítica. Há uma especificidade nessa modalidade de ensino e é fundamental que se compreenda o caráter heterogêneo das turmas da EJA. Se no ensino regular, quando a educação básica acontece sem grande distorção idade-série, os objetivos e projetos são mais parecidos, no caso da EJA encontramos uma confluência de expectativas, sonhos e projetos. Apesar de haver alguns pontos em comum, como o mercado de trabalho, as condições pouco favoráveis social e economicamente, não podemos considerar o estudante da EJA como sendo de uma mesma realidade.

Seguindo os ensinamentos de Paulo Freire, acreditamos que a educação, muito mais do que ajudar a ler os textos, deve contribuir para ler a vida de forma crítica. E foi esta a pergunta que permeou toda esta pesquisa: de que forma podemos construir um processo educacional na EJA que desperte a consciência crítica entre os estudantes? Acreditamos que este processo deve ser pensado, levando em consideração os objetivos, anseios, necessidades, inquietações e etc. de todos que participam do processo de ensino-aprendizagem.

Esta pesquisa teve origem no estágio que realizamos em uma Escola Municipal da cidade de João Pessoa. Foi a partir desta experiência que inquietudes foram surgindo. Através de observações e interação com os educandos, conhecendo suas expectativas, histórias de vida, sonhos e frustrações, que percebemos que a EJA deve ser um caminho para os sujeitos envolvidos, que possam acreditar em si mesmos e com uma visão crítica diante do mundo, para a realização dos seus projetos pessoais e coletivos, assumindo ser parte integrante da sociedade como cidadão.

Foi neste sentido que nos propusemos a desenvolver esta pesquisa com foco na metodologia, com vistas a construir atividades que colaborassem em seu cotidiano, de forma a ajudá-los na construção do senso crítico e com isso, modificar sua realidade e do entorno. Pois é bastante comum ainda nos depararmos com

situações em que os educandos da EJA são submetidos nas escolas, com métodos infantilizados e conteúdo que não acrescentam na sua formação como cidadão e tampouco como transformador da realidade que se encontram.

Uma metodologia inadequada provoca a desistência educandos, deixam de ir à escola por acreditar que nada em sua vida pode ser mudado e/ou melhorado para que os tire da condição de oprimido.

Diante das situações problemas pelas quais passam os estudantes, decidimos nos aproximar do mundo desses educandos, extrair o máximo de informação para elaboração de um método que os fizessem refletir sobre a realidade vivida e o futuro desejado. Nesse caminho, encontramos também, os textos de Paulo Freire. Ele, mais do que ninguém, tinha percorrido esse caminho e escrito sobre suas experiências. Foi então que escolhemos a pedagogia freireana como luz para pensar alternativas e metodologias que viessem ao encontro das nossas inquietações.

A pedagogia freireana, do ponto de vista metodológico, não é complicada. Identificamos três momentos marcantes: *o resgate da experiência de vida*, *o desenvolvimento do conteúdo* e *a experiência revisitada com um olhar crítico*. O problema está em criar um ambiente favorável para que estes passos possam acontecer. É fundamental, por exemplo, que o resgate da experiência de vida seja desenvolvido num clima de respeito e acolhimento das falas das pessoas envolvidas. O (a) educador (a) assume um papel fundamental neste sentido.

Tentando pôr em prática esta metodologia, que também foi sendo ajustada e remodelada à medida que a experiência ia acontecendo, fomos para a escola. Lá, conhecendo um pouco das histórias de vida das pessoas, optamos por trabalhar o tema *Profissões e Trabalho*, pois percebíamos fazer parte da realidade dos educandos e que o tema em questão poderia esclarecer algumas experiências vividas e lançar um olhar crítica acerca das várias atividades laborativas, vivenciadas pelos estudantes da turma. E, além de visão crítica sobre o presente, ser capaz, também, de visualizar outros horizontes profissionais, após os estudos.

Pensamos que dessa maneira poderíamos contribuir para que viessem a ter uma visão positiva a respeito da educação, deixando no passado os constrangimentos e a impressão negativa que tinham da escola. Apresentamos a

todos as outras possibilidades que a escola como Instituição formadora de sujeitos, poderia trazer de benefícios, como a possibilidade de sonhar e realizar os sonhos, do conhecimento e entendimento de seus deveres e direitos na sociedade, na transformação da realidade e principalmente, na possibilidade de um futuro profissional que pudessem realiza-los em vários âmbitos da vida.

Durante todo o processo de construção do trabalho, foi possível notar o interesse dos educandos em nossa fala, nas referências que trazíamos e em como dávamos importância a seus relatos e dúvidas. E isto, nos impulsionou a mergulhar cada vez mais fundo nesse mundo cheio de experiências reais e tão repletas de verdades.

Notamos que a mudança de mentalidade dos educandos se modificava positivamente à medida que apresentávamos dados referentes ao mundo do trabalho, contendo informações a respeito do salário mínimo, nome das moedas brasileiras, de contextos históricos, entre outros. Com esses assuntos em pauta e por meio de informações e discussões, uma nova consciência ia se formando. E, apesar do pouco tempo em que a experiência foi desenvolvida, podemos dizer que o objetivo foi alcançado. Testamos uma metodologia e esta se mostrou eficaz.

A necessidade que se busque uma metodologia que contemple os educandos da EJA, de forma significativa se faz urgente, é preciso um olhar mais positivo, reconhecendo que os sujeitos da EJA, protagonizam histórias de humanização, e que desde sempre estão na busca por seu lugar na sociedade que não os reconhece como parte integrante dela. Também é preciso que se reclame a implementação de políticas públicas que possam atender de forma mais adequada os jovens e adultos, favorecendo um ensino com as características peculiares que fazem parte da EJA.

Os passos metodológicos utilizados, só reafirmam a necessidade de se construir um novo olhar sobre os educandos da EJA, que devemos desconstruir alguns métodos engessados e trazer para a sala de aula algo que realmente possa fazer a diferença na vida dessas pessoas. Cabe ao professor conhecer a realidade de seu aluno, ser comprometido, ser mais humanizado, fazer uso da empatia, muitas vezes esquecida. Pois só assim pensamos ser realmente possível tornar os sujeitos da EJA conscientes de que são capazes de superar suas dificuldades, de ir em busca de sonhos e acima de tudo, da construção do senso crítico.

Esperamos que essas reflexões possam inspirar o debate acerca da realidade encontrada nas turmas de EJA. A temática *Profissões e Trabalho* foi apenas uma entre tantas possibilidades de se trabalhar nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos. Por este tema se encontrar inserido no cotidiano dos educandos, sugere uma maior atenção por assuntos condizentes com a realidade e necessidade evidenciada durante o processo.

Por fim, deixamos nossas contribuições para incentivar a pesquisa sobre essa área da educação tão importante, rica em experiências, repleta de verdades e significações.

8. REFERÊNCIAS

ARBACHE, A.P.B. (2001). *A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica*. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Base*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 30 de julho de 2018.

COELHO, A. L. A. S.; FIAMENGHI, G. A. “Programa de Educação de Jovens e Adultos: Da Experiência de Vida à Experiência Escolar”. In: *PS/CO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 4, pp. 472-480, out./dez. 2012.

DEWEY, J. *Vida e educação*. Tradução Anísio Teixeira. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Ed 64. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.

KOSÍK, K. *Dialética do concreto*. 7ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

MACHADO, NJ. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. 2. ed . São Paulo: Cortez, 1996.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. *Pro-Posições*, 2014, vol.25, n.3, pp.45-62.

OLIVEIRA, M.K. (2004). “Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto”. In: *Educação em Pesquisa*, São Paulo , v. 30, n. 2, p. 211-229, Ago. 2004 .

SCHRAM, S.C.; CARVALHO, M.A.B. *O pensar educação em Paulo Freire: para uma pedagogia de mudanças*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

SOUZA, N. A. A relação teoria-prática na formação do educador. In: *Anais da Semana de Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 22, p. 5-12, 2001.

STRECK, Danilo et. al. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE I

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____

PORTUGUÊS

PROFISSÕES

Existem no mundo
Vários tipos de profissão.
Todas têm seu valor,
Se trabalhadas com amor.

O padeiro faz o pão,
O dentista cuida do dente,
O pedreiro faz a construção
E o médico cuida da gente.

O pintor a parede pinta,
O vigia a empresa vigia,
O professor tudo nos ensina,
E a cozinheira cozinha.

A costureira costura,
A policial está atenta na viatura,
O poeta é um artista,
E todos participam da vida.

Responda

1- Circule as profissões que contem no poema e depois as escreva.

2- A palavra profissão é o nosso tema. Ela se inicia com a letra?

3- Qual é a sua profissão?

4- Substitua os números pelas sílabas e descubra a frase que se formará, e escreva a frase formada:

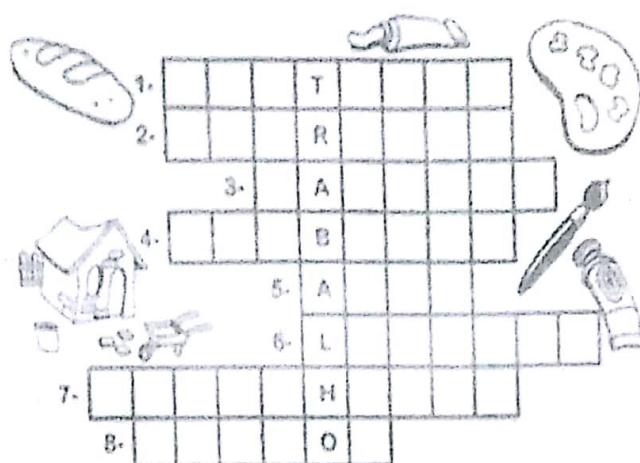
1	2	3	4	5	6	7	8
não	ba	Sem	ca	lho	há	fé	Tra

3	4	7	1	6	8	2	5

5- Leia as palavras e coloque-as em ordem alfabética:

Professor	Enfermeira	Dentista	Motorista	Bombeiro
-----------	------------	----------	-----------	----------

6- Preencha a cruzadinha de acordo com os profissionais, observando as dicas abaixo:



- 1- Cuida dos dentes;
- 2- Constrói casas;
- 3- Faz pães;
- 4- Apaga incêndios;
- 5- Trabalha em teatro, filmes....
- 6- Recolhe lixo em frentes as casas;
- 7- Faz desenhos;
- 8- Pinta quadros, paredes....

7- De acordo com o poema "profissões", separem em sílabas as palavras abaixo:

- a) Padeiro _____
- b) Médico _____
- c) Vigia _____
- d) Costureira _____

8- Escolha uma profissão acima, e forme outras palavras com as famílias dessas sílabas.

9- Leia as palavras abaixo e, depois, escreva-as no respectivo quadro:

PAÍS - PINGO - POLEGAR - PUNHO - PEÃO
PEDRA - PIABA - PULGA - PAIXÃO - POLUIÇÃO

PA	PE	PI	PO	PU

APÊNDICE II

Nome: _____ Data: ____/____/____

MATEMÁTICA

A tabela abaixo mostra os nomes das moedas brasileiras, o ano em que passaram a valer e o valor de um salário mínimo de cada época.

Nome da moeda	Ano de introdução	Valor do salário mínimo
Real/Reis	Período colonial até 1833	Não havia
Mil-réis	1833	Não havia
Cruzeiro	1942	Cr\$ 380,00
Cruzeiro novo	1967	NCr\$ 10500
Cruzeiro	1971	Cr\$ 225,60
Cruzado	1986	Cr\$ 804,00
Cruzado novo	1989	NCr\$ 63,90
Cruzeiro	1990	Cr\$ 3.674,06
Cruzeiro real	1993	Cr\$ 5.534,00
Real	1994	R\$ 64,79

1ª Com base na tabela acima, responda:

a) em 1942, qual era o nome da moeda brasileira?

b) qual era o valor do salário mínimo em 1989?

c) hoje em dia, qual é o nome da moeda brasileira?

d) em 1994, qual era o valor do salário mínimo?

2- Marque um x no valor atual do salário mínimo.

() 930 () 937 () 945 () 954 () 959.

3- Faça as contas abaixo:

a) $89 - 23$

D	U

b) $16 + 67$

D	U

c) $158 + 132$

C	D	U

4- Escreva por extenso os números a seguir.

a) R\$156,00 _____

b) R\$53,00 _____

c) R\$325,00 _____

d) R\$148,00 _____

5-Resolva as operações e, depois, ligue o resultado ao número correspondente.

$$25 + 25 =$$

40

$$28 + 12 =$$

60

$$15 + 15 =$$

50

$$32 + 28 =$$

30

6- João comprou uma geladeira por R\$ 800,00 e um fogão por R\$350,00.
Quanto ele gastou no total?

7- Quanto você gasta de passagem de ônibus para ir e voltar do trabalho por dia?

